

Timor Etnográfico

Etnografias coloniais
portuguesas no século xx

Ricardo Roque
(organizador)



Imprensa
de Ciências
Sociais

Índice

Índice de mapas e figuras	11
Agradecimentos	13
Notas sobre os autores	15

Introdução

Etnografias coloniais portuguesas em Timor-Leste.	21
<i>Ricardo Roque</i>	

I – AS ETNOGRAFIAS E O GOVERNO COLONIAL

Capítulo 1

Governamentalidade mimética e etnografias de <i>usos e costumes</i> timorenses	55
<i>Ricardo Roque</i>	

Capítulo 2

A etnografia em concurso administrativo: a «monografia etnográfica» em Timor Português, em 1948.	83
<i>Lúcio Sousa</i>	

Capítulo 3

Indigenização enjeitada: dimensões antissincréticas da antropologia missionária em Timor-Leste, c. 1910-1974	111
<i>Frederico Delgado Rosa</i>	

Capítulo 4

Descrições portuguesas das línguas de Timor-Leste na transição dos séculos XIX e XX 141

Hugo C. Cardoso

II – DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA
À ANTROPOLOGIA SOCIAL

Capítulo 5

Ruy Cinatti e a abertura de Timor Português à antropologia social no colonialismo tardio 187

Cláudia Castelo

Capítulo 6

Arqueologia na Missão: autoridade e controvérsias na primeira campanha da Missão Antropológica de Timor, 1953 217

Rita Juliana Soares Poloni

Capítulo 7

Teatros da violência: folclore colonial e danças do *lorosa'e* em Ainaro 245

Ricardo Roque

Capítulo 8

Uma filmografia colonial de Timor Português: do cinema de propaganda ao cinema etnográfico 271

Maria do Carmo Piçarra

III – AS ETNOGRAFIAS COLONIAIS
E A NAÇÃO IMAGINADA

Capítulo 9

A guerra do barlaque: uma controvérsia etnográfica sobre trocas matrimoniais em Díli colonial (1969-73) 301

Kelly Silva

Capítulo 10	
As lendas de Timor e a literatura oral timorense	333
<i>Vicente Paulino</i>	
Posfácio	
Documentos pré-1975 sobre Timor: antigos, mas não antiquados. . .	357
<i>Maria Johanna Schouten</i>	
Índice remissivo	379

Ricardo Roque

Introdução

Etnografias coloniais portuguesas em Timor-Leste¹

Timor Etnográfico examina as etnografias coloniais portuguesas sobre Timor-Leste, território denominado «Timor Português» durante o período tardio da administração colonial portuguesa no século XX. O livro explora os arquivos documentais do império português com vista a entender as práticas de representação etnográfica de povos e culturas leste-timorenses em situação colonial. Neste entendimento, cabe um leque diversificado de formas de observação e descrição dos leste-timorenses, implicadas em relações de contacto colonial de profundidade, duração e intensidade variáveis. Nesta ampla abrangência da escrita e da imagem etnográfica colonial, incluem-se, por exemplo, artigos, relatórios, monografias (publicados ou inéditos) produzidos no âmbito da administração, da guerra e da atividade missionária; as campanhas de campo e os textos científicos enquadrados pelas Missões Antropológicas promovidas pelo Estado Novo; a literatura e cinematografia sobre Timor Português; e, por fim, uma exploração

¹ Este texto tem origem no projeto *As ciências da classificação antropológica em 'Timor Português' (1894-1975)* (HC/0089/2009) e sua finalização no âmbito do projeto *Arquivos coloniais nativos: micro-histórias e comparações* (PTDC/HAR-HIS/28577/2017), ambos financiados através de fundos nacionais pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e desenvolvidos no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Agradeço ao Nuno Domingos, à Marta Castelo Branco e aos autores deste livro os comentários e as sugestões a uma versão inicial deste texto.

acerca dos legados das etnografias coloniais no nascente imaginário de Timor-Leste enquanto nação.

Os capítulos aqui reunidos mostram como a objetivação deste território e suas populações implicou um conjunto diverso de saberes coloniais de tipo etnográfico, fundado em diversas formas presenciais de interação no terreno, desde finais do século XIX até ao final da administração portuguesa, em 1975. Neste período histórico, a conceção de Timor-Leste como entidade política sob domínio colonial português – uma noção plasmada na expressão Timor Português – foi acompanhada de uma variedade de textos e imagens de deliberada intenção etnográfica. Esta diversidade de escritos e imagens compõe um tipo de formação discursiva, como diria Michel Foucault (1969), cuja relativa coerência deriva, sobretudo, do seu enfoque comum na alteridade das sociedades humanas de Timor-Leste como objeto. Muitos dos artefactos intelectuais – textos em papel, manuscritos ou impressos; fotos ou filmes em película, por exemplo – que, ao longo do tempo, compuseram esta ordem do saber colonial chegaram até nós preservados (na sua maioria, mas não exclusivamente) em repositórios institucionais sedeados em Portugal. Estes repositórios formaram o principal terreno por onde se movimentaram as investigações dos autores que participam neste volume.²

A emergência desta formação discursiva em língua portuguesa sugere que o colonialismo tardio e a imaginação etnográfica de Timor foram processos mutuamente constitutivos. Timor colonial, Timor etnográfico. É esta conjunção que o título deste volume pretende captar. A ideia de Timor Português como unidade de posse e objeto político de poder colonial fez-se acompanhar da ideia de Timor-Leste como unidade de saber e objeto de etnografias. Por outras palavras, a noção colonial de Timor Português compreendeu a noção de um Timor Etnográfico. Este livro examina as formas através das quais se gerou esta equivalência. Ele mostra como o trabalho de controlo e governação imperial e colonial deste

² Cada capítulo do volume discrimina os acervos especificamente trabalhados (ver também o acervo bibliográfico e recursos compilados em www.historyanthropologytimor.org). Para o período em apreço, a maioria da documentação colonial portuguesa relativa a Timor-Leste encontra-se em bibliotecas e arquivos históricos de natureza pública em Lisboa e Macau. O Arquivo Nacional de Timor-Leste, em Dili, recentemente criado, alberga também documentação. Não é aqui, porém, o momento para uma reflexão de fundo sobre políticas de acesso e gestão arquivística desta documentação.

território foi acompanhado de um trabalho de investigação, escrita e imagem sobre os leste-timorenses. A soberania política reclamada pelo nacionalismo-imperialista dos portugueses sobre o mundo autóctone timorense foi, assim, parceira de reivindicações de soberania etnográfica.

Este livro oferece um mapa interpretativo deste amplo campo de ação onde se cruzaram a ânsia de dominação política e a imaginação antropológica. Este mapa não é, por certo, nem exaustivo nem integral. Importa sublinhar que as teorias, os princípios e os métodos que definiram os conteúdos e os contornos desse Timor etnográfico colonial não equivalem exatamente à disciplina científica da antropologia social e cultural tal como a entendemos hoje. Por isso, a sua compreensão historiográfica exige um esforço de descentramento disciplinar. Exige um exercício de relativo distanciamento face à antropologia do presente de modo a que se analise a especificidade das etnografias coloniais do passado de acordo com os seus próprios termos. Por conseguinte, os ensaios de história da antropologia aqui reunidos não estão orientados por uma retrospeção de tipo disciplinar. Entendemos que esse recorte impediria o reconhecimento efetivo da diversidade de práticas etnográficas coloniais, nomeadamente, das que são representadas pelo trabalho de missionários, administradores, militares e mesmo por antroponólogos, que acabaram secundarizadas na historiografia da disciplina da antropologia social e cultural portuguesa. Ao invés, adotamos uma noção heurística e aberta de etnografia enquanto regime plural de práticas de investigação, observação e escrita, fundadas em experiência de terreno, visando o conhecimento da vida sociocultural timorense, passada e presente. Através desta noção, interessa-nos restituir a multiplicidade de registos textuais e visuais da alteridade timorense e o modo como esses registos estão marcados pela diversidade da situação colonial durante a ocupação portuguesa de Timor-Leste.

Investigando as etnografias coloniais portuguesas

Nos anos após a Revolução de Abril de 1974, a historiografia da antropologia (social e cultural) portuguesa tendeu a desvalorizar as tradições coloniais de antropologia pela sua marca ideológica e falta de cientificidade, em prol de narrativas de origem que, quase